

Falta conscientização

Outra preocupação da Semarh em relação à ocupação desordenada é a possibilidade de erosão, que é um perigo maior que apenas ao meio ambiente: pode atingir todas as famílias que vivem na região. O Código Florestal determina que, em áreas de proteção ambiental, a cobertura vegetal deve ser protegida a, no mínimo, 100 metros da borda da chapada, mas não é isso que se vê na APA de Cafuringa. "Essa população acaba ocupando as chapadas e retirando a cobertura vegetal que protege o solo. O risco de desmoronamento é muito grande. É preciso ter um controle dessas ocupações", ressaltava Pedro Braga Netto.

A forma com que a população que vive dentro da APA consegue água também pode ser um problema para sua conservação. Como não são abastecidos pela Caesb, os moradores retiram água do lençol freático com a perfuração de poços artesianos. O problema é que a quantidade de água retirada do lençol subterrâneo já afeta o volume de água dos rios e córregos da região, que convertem para a Bacia do Rio Maranhão, uma sub-bacia da Bacia do Tocantins e Araguaia.

Eriel Sinval Cardoso, outro editor do livro, garante que já notou alteração no volume dos rios da APA devido à captação de água irregular do lençol freático. "Para fazer

esse estudo, sobrevoamos a região de helicóptero. Na parte leste da APA, justamente a de maior ocupação, vi que o volume de água estava bem menor que o normal. Cheguei a notar rios secos", diz.

Parece ser difícil listar qual é o grande vilão de Cafuringa. Os técnicos da Semarh ainda se mostram preocupados com outro ponto: os hábitos de quem vive no local. A maioria da população sequer sabe que está em uma Área de Preservação Ambiental e adotam a caça e a queimada, por exemplo, como práticas comuns.

Maria Feliciano Alveste Alarcão, 55 anos, é presidente da Associação dos Produtores Rurais do Vale de Curralinho (Aprovac) e confessa que é difícil conscientizar a população da importância de se preservar o meio em que vivem. "De vez em quando a gente percebe uma queimada no mato e corre para apagar", conta.

O marido de Feliciano, Celso Afonso Alarcão, 56, foi criado em Curralinho e hoje administra uma grande fazenda da região de 700 hectares com criação de 300 cabeças de gado. Celso diz que tenta preservar os 300 hectares da fazenda que é da APA de Cafuringa, apesar de confessar que já desmatou parte deles para a criação de pastos. "Mas nas beiras dos rios deixo toda a mata virgem", garante o administrador.



Feliciano e Celso: difícil é conscientizar a população local